

COLOCAÇÃO DE O(S), A(S) COMO COMPLEMENTO DE INFINITIVO REGIDO DE POR E PARA EM FERNÃO LOPES

Hilma Ranauro
UFF

Na pesquisa realizada por ocasião da nossa tese de Doutorado (“Contribuição ao estudo semântico da preposição: *POR* e *PER* na Crônica de D. João I, 1ª parte, de Fernão Lopes”), tivemos a oportunidade de observar fatos gramaticais interessantes, curiosos. Muitos foram por nós registrados para futura pesquisa. Chamou-nos a atenção, em especial, a colocação dos pronomes *o(s)* em relação ao infinitivo regido das preposições *POR* e *PERA*, por nós levantada de forma exaustiva.

Os contextos em que ocorrem as noções de *FIM*, *OBJETIVO*, *INTENÇÃO*, *FINALIDADE*, são introduzidos por *POR* e *PERA*, com predomínio desta: 31 ocorrências de *POR*, em toda a primeira parte e 71 ocorrências de *PERA*, levantadas somente até a p.101. Com referência àquelas noções, *POR* e *PERA* coocorrem, em distribuição livre, com ou sem a ocorrência de *o(s)*, *a(s)* como objeto do infinitivo. Em contextos semelhantes, ora ocorre uma, ora outra:

SEM A PRESENÇA DE PRONOMES: “... , que nom fosse nehũ tam ousado de hir aa Judaria *por* fazer mal a Judeus; ...” (XIX:30); “... , ho mandou duas vezes dAllam – quer a Atouguia com çertos homeẽs que levava comsigo, *pera* aguardar que com ssa esto possesse em obra, lho trouvesse preso alli homde estava, ...” (XXI:39); “...; e *por* allimpamento de sua comçiemçia antre as cousas que primerio fez, chamou Vaasco Porcalho, ...” (XVII: 34); “... , ja vos aqui teemdes *pera* a despesa doje.” (X: 20)

COM A PRESENÇA DOS PRONOMES: “...: e *por os defemderem* aaquella hora, foram muitos feridos, ...” (CXXXV: 234); “... , nom emtemdaes, que elles soos deffemdiã as gallees sem outrem pellejar *por as deffemder*, ...” (CXXIX:245); “...; e nom a dar a quem tamtos trabalhos e periigos de morte suportou *por o deffemder*, ...” (CLXXXVII:359) // “... , e veedo no Meestre tamta autoridade, que *pera os deffemder* era perteemçemte, ...” (XX:37); “... , tomarom as molheres e os filhos dos que demtro eram *pera o deffemder*, ...” (XLIV:77); “... mas hi avia tâtas companhas e assi abastantes *pera a deffemder*, ...” (CXXXIX); “... , e os fazer entrar nas galles *pera as defemder*.” (CXXXIX:246)

Nas 31 ocorrências em que *POR* se faz seguir dos pronomes pessoais *o(s)*, *a(s)* na função de objeto do infinitivo, verificam-se 20 ocorrências em que ela se combina com os pronomes e 11 em que não ocorre a combinação.

SEM COMBINAÇÃO (20 ocorrências): “Sahirom estomçe a elles, Gomçallvez que era dhi Dayam, e Meem Peres Chamtre, e outros Beneficiados, *por os desviare* da teemçom que tragiam, ...” (XLV: 80); : ..., salvo que sse lamçaria com a Rainha demtro na villa *por a tirar* do poder del Rei de Castella, ...” (LXXX:136) *porem* que dezia de praça *por os comfrontar*: (CIV:177); “...; e quem conhecer Pero Rodriguez, faça muito *por o pröder*, ...” (CV: 179). E mais 16 outras ocorrências: XIII:27 CXXIII:212; CXXXV: 234²; CXXXVI: 235; CXLI: 252; CXLII: 253; CXLVII:263; CXLVII:267; CXLVIII:268; CLIII:283; CLV:288; CLVIII:297; CLXXI:320; CLXXXVII:359; CLXXXVIII:361.

COM COMBINAÇÃO (11 ocorrências): “..., deziã ainda mais *pollo desviar*, ...” (LVII:90); “..., que amdãdo nos pella terra *polla deffemder*, ...” (XCI:151 “..., quem nos tamto trabalho deu *pollo avermos de livrar*; ...” (CIII:716); “..., temendo que lhes fariam dono *pollas empachar*, ...” (CXXXIII:230). E mais 7 ocorrências: CXXXIII: 231; CXXXIX: 244; CXLIV: 257; CLII:280; CLIX:300; CLXXIII:324; CLXXIV: 326.

Podemos afirmar que não ocorre a ênclise dos pronomes *o(s)*, *a(s)* ao infinitivo regido de *POR* e *PERA*.

Reexaminando todas as ocorrências em que *POR* e *PERA* regem infinitivo, passamos a observar a colocação de outros pronomes átonos, que não *o(s)*, *a(s)*. Verificamos que, nesses contextos, também não ocorre a ênclise. Não se observa, pois, a ênclise de qualquer pronome átono em relação a infinitivo regido de *POR* e *PERA*.

COM *POR*: “..., *por* lhe depois aazar.” (I:3); “... *por* lho fazer vodas ...” (III:7); “..., *por* sse hir a pressa ...” (III:7) “... *por* sse poer ...” (IV:9); “... *por* vos fazer nojo ...” (XIII:27); “... *por* nos espedir.” (XXVIII:50); “... *por* se aazar a morte ...” (XXXVI: 62); “... *por* nos deffemder e emparar.” (CXXII:209).

COM *PERA*: “... *pera* sse avisar ...” (III:7); “... *pera* sse todo melhor fazer ...” (VIII:15); “...*pera* lho gallardoar ...” (XXXVII:65); “... *pera* lhe poer a praça.” (LXXI:122); “..., *pera* lhe nojo fazer ...” (LXXXVI:145)

Observando-se contextos como os que se seguem: “... *por* me nom teerdes ...” (LXXXIII:141; “... *por* as nom tomarem ...” (CXLII:253); “... *por* se nom, emxergar ...” (CLXXIV:325), podemos observar que a preposição *POR* não só leva à próclise ao infinitivo, como se faz a seguir imediatamente do pronome. Isto ocorre mesmo quando da existência de partículas negativas, que, no português atual, pelo menos no Brasil, se fazem seguir diretamente do pronome átono. Isto também ocorre quando do emprego de *PERA*: “*pera* sse nom livrarem ...” LIX:102). Mesmo em contextos em que ocorrem vários outros termos entre a preposição, o pronome e o verbo, é após ela que o pronome vem a se colocar: “*pera* o todos

averm de creer ...” (CLXXXV:350). Mesmo sem a presença da preposição (qualquer) este fato-intercalação da negativa entre o pronome e a forma verbal – é observado: “... que o nom devia de fazer ...” (XLVI:81) “... posto que o nom sahissem a rreçeber ...” (LXXIII:124); “..., que os nom dessem a elRei; ...” (LXXXIII:140).

Em relação a outras preposições, num levantamento por amostragem, é igualmente a próclise ao infinitivo que se observa.

Também nestes contextos, o pronome segue a preposição:

“... de o poer em obra, ...” (V:11); “... de o poder fazer ...” (V:11); “... de o ell nem outrem querer fazer ...” (X:11); “... de o fazer assi ...” (VI:12); “... de o poer ...” (VI:12); “... começaram de o convidar ...” (IX:17); “... voomtade tiinha de o matar ...” (IX:19); “... e comtoulhe o geito que os da çidade queriam teer em no combater; ...” (XLI:72).

Com as formas verbais finitas, não regidas, pois, de preposição, é comum a ênclise:

“...; mas eram lhe presentes taees, ...” (VI:12); “... e beijouho no rosto ...” (VI:13); “... poreo comsselhoulhe que nom fosse la.” (VII:13); “... dizee que ouveste voomtade de lho dar, e destelho; ...” (XLI:71).

Mesmo nas locuções verbais com infinitivo não regido de preposição, o pronome não aparece enclítico a ele, mas à outra forma verbal: “... e mandouho devassar ...” (XLI:72).

Creemos poder deduzir que a ênclise do pronome átono ao infinitivo não ocorre na *Crônica de D. João I*, em sua 1ª parte, em qualquer contexto.

A curiosidade nos levou à leitura de, pelo menos, o Prólogo de 2ª parte de *Crônicas*. E nos deparamos com os contextos:

“... que nom ousamos de o fazer ...” (p.01); “... per que o grandemente possa fazer, ...” que odyo e malqueremça o fez demouer a esto.” (p.01); “... muytos tomarom deuaçom de as rezar ...” (p.02); “... pera lhe dar graças e lououres ...” (p.02)

Pelo observado, parece não haver a ênclise ao infinitivo, em nenhum contexto, na *Crônica de D. João I*, nas 1ª e 2ª partes.

ESTENDO A PESQUISA A OS LUSÍADAS E À DEMANDA DO SANTO GRAAL

Acabamos por estender nossa pesquisa a Os Lusíadas num levantamento exaustivo, com base no *Índice Analítico de Vocabulário de Os Lusíadas*, de A.G.

Cunha, e à *Demanda do Santo Graal* (MAGNE, 1944), num levantamento por amostragem. À pesquisa dessas obras nos levou a curiosidade em relação ao que teria ocorrido no século posterior e no anterior à Crônica.

A *Crônica de D. João I* teria sido a última escrita por Fernão Lopes. Especialmente em sua 1ª parte, pode-se verificar seu apogeu como historiador e escritor. Nela, se encontram os melhores momentos da prosa literária do séc. XV. Por ela igualmente se mostra e revela a língua portuguesa deste século. Do ponto de vista lingüístico-literário, ela nos apresenta o séc. XV preparando-se para o apogeu do séc. XVI com *Os Lusíadas*, obra-marco deste século.

EM OS LUSÍADAS

Em *Os Lusíadas*, com referência à colocação dos pronomes pessoais *o(s)*, *a(s)* em relação ao infinitivo, em contextos em que ocorrem as noções de FIM, OBJETIVO, INTENÇÃO, FINALIDADE, registram-se 5 ocorrências de *PERA*, 2 de *POR* e, curiosamente, 1 de *PER*. Nas duas ocorrências de *POR*, registra-se a sua combinação com o pronome: “O batel de Coelho foi depressa/*Polo tomar*; mas, antes que chegasse, /Um etíope ousado se remessa/A ele, por que não se lhe escape”. (V:32); “Fazendo-a a várias gentes subjugadas, /Pola ilustrar, no fim de tantos anos, /Co senhorio de inclitos Hispanos.” (IV:61).

Com *PER* registra-se igualmente a combinação com o pronome: “Olha que dezessete Lusitanos/Neste outeiro subidos, se defendem, /Fortes, de quatrocentos Castelhanos, /Que em derredor, *pelos tomar*, se estendem, “ (VIII:35)

PER cabe lembrar, não é registrado na Crônica, neste contexto.

Com *PERA*, dos 5 contextos existentes, registra-se 1 com a ocorrência da próclise ao infinitivo: “Porque o piloto falso prometido, /Que toda a má tenção no peito encerra, / *Pera os guiar* à morte lhe mandava, /Como sinal das pazes que tratava.” (I:94)

Nas demais (4), ocorre a ênclise:

“Sabe também dar vida, com clemência, /A quem *pera perdê-la* não fez erro”, /Apto *pera mandá-los* e *regê-los*, / Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.” (IV:24); “Por que, saindo nós *pera tomá-lo*, /Nos pudessem mandar ao reino escuro, /Por nos roubarem mais a seu seguro” (V:36); “Que o nome “Cristianíssimo” quiseste, /Não *pera defendê-lo* nem *guardá-lo*, /Mas *pera* ser contra ele e *derribá-lo*. (VII:6).

Em *Os Lusíadas*, predomina o emprego de *PERA* no contexto em estudo. Com referência à colocação de *o(s)*, *a(s)* em relação ao infinitivo por ela regido, coocorrem a próclise e a ênclise, com predomínio desta. Com *POR* e *PER* (!), ocorre a próclise do pronome, com o qual elas se combinam.

NA DEMANDA DO SANTO GRAAL

Na *Demanda*, num levantamento por amostragem (p.37 a 101, capítulos I a VIII e p. 205 a 323, capítulos XXI a XXXVII), colhemos alguns exemplos em que a ênclise é observada com relação ao infinitivo regido *PERA*: “Quando os cavaleiros ouviram esto, fizeram-se afora os mais daqueles, que se queriam provar, *pera sacá-la*.” (Vol.I,II,11:49), por exemplo.

Em relação às ocorrências com *POR*, a ênclise não se dá. Predomina sua combinação com o pronome pessoal proclítico ao verbo:

“Esta espada trouxe eu aqui *polo conhecerdes e polo fazerdes* aqui ficar,..” (V.30:70); “E *pola nom entenderem* tornou-se aa sua câmara e leixou-a cair em seu leito. (VII.40:83); “E o escudeiro após ele *polo teer*. (VIII.49:94).

Com relação a outros pronomes que não *o(s)*, *a(s)*, curiosamente coocorrem a ênclise e a próclise. Em contextos semelhantes, ora deparamos com uma, ora com outra:

“ – Senhor, disse ela, *por vos fazer* quanto serviço e quanta honra poder.” (Vol. I, XXIII, 171:225); “Ai dom Boorz! que me nom viindes sacar deste perigo de morte em que entrei *por livrar-vos*, ...” (Vol.I,XXIV,178:235). Confronte-se este último enunciado com outro colhido na p.60, em que se observa, em contexto semelhante, a próclise: “ ..., ca Deus no-lo enviou *por nos livrar* a terra das grandes maravilhas e das estrãias aventuras ..” (Vol.I,III, 19:6).

Lembremo-nos que a *Crônica* data do séc.XV e a *Demanda* supõe-se datar de meados (quando muito do terceiro quartel) do séc. XIII, tendo sido copiada, porém, nos séculos XIV e XV, por vários copistas que, coincidentemente ou não, lhe teriam introduzido particularidades da língua falada em sua época. É de Augusto Magne a afirmação de que a única transcrição que nos resta deste texto, existente no manuscrito de Viena, é uma cópia “parcialmente modernizada do séc. XV”. (MAGNE, vol.I:27).

O(s), *a(s)* COMO SUJEITO DE INFINITIVO REGIDO DE *POR*

Na *Crônica*, registram-se duas ocorrências em que *POR* se faz seguir dos pronomes pessoais *o(s)*, *a(s)* na função de sujeito de infinitivo, este contexto não foi registrado nas outras duas obras.

“E por os fazerem remder mais asinha, tomarom as molheres e os filhos dos que eram para o deffemder, ...” (XLIV:77); “Emtom hordenaram de os lamçar fora por os nom verem morrer.” (CXXXVI:235)

EMPREGO EM AUTORES MAIS MODERNOS

O emprego da preposição POR seguida dos pronomes pessoais *o(s)*, *a(s)* na função de objeto direto do infinitivo por ela regido era freqüente nos escritores mais antigos, sendo comum a combinação da preposição com os mesmos: “... que *pollo ueer* em esto jogo lhe som demonstradas como dito auemos, ...” (*Livro de Montaria*, capít.III,p.15-20, da 2ª edição da Academia de Ciências de Lisboa – *apud* NUNES:166).

Há registro do emprego tanto de *POR*, quanto de *PER*:

“Os tempos mudam ventura – bem o sei *pelo passar* –” (*Crisfal versos*, 91-92); “... cai Barnabé, que se agarra às pernas de D. Jerónimo, o qual se esforça *pelo sacudir* de si.” (Garrett, *Teatro*, IV:97); “... fique assentado que o gasto ordinário convém que se entregue à mulher, *pela contentar, pela ocupar, pela confiar* por lhe dar aqueles cuidados, por lhe desviar doutros”. (D. Francisco Manuel, *Cartas*:87. *apud* SILVEIRA: 38-39). É de se registrar, neste último exemplo, a ocorrência de *POR* em contextos em que a preposição não se faz seguir de *o(s)*, *a(s)* e a ocorrência de *pelo(s)*, *pela(s)* quando da ocorrência desses pronomes, com a conseqüente combinação da preposição com os mesmos.

A forma em que ocorre a combinação dos pronomes com *PER* é retomada por Rui Barbosa em “Fiz antes de mais nada *pelo depurar* de barbarismos e solecismos” (*Réplica*:59) e Alberto de Oliveira em “... *pelo melhor guardar*.” (*Poesias*, 2ª ed.:101). (*ibid*:39).

Emprego semelhante se encontra em Monteiro Lobato (*Idéias de Jeca Tatu*, 7ª ed.:39) “... mas *pela não termos* hoje, é absurdo negarmo-nos direito à fisionomia.” (*apud* LAPA:196). Para Rodrigues Lapa, a construção “seria talvez mais eloqüente” se com a preposição *POR*, que nos daria: “... mas *pola não termos* hoje ...”, (*ibid*).

Cabe lembrar a tendência *e/ou* pendores classicizantes de Alberto de Oliveira e Rui Barbosa, bem como a grande admiração de Monteiro Lobato pela linguagem camiliana.

Para Sousa da Silveira, o uso de tais combinações em autores mais modernos é bastante artificial (*ibid*). Na realidade, não cabem, no português de nossos dias, pelo menos no Brasil, essas construções, com ou sem a combinação. Firmou-se a ênclise ao infinitivo. A ressuscitar-se, porém, a construção antiga, caberia amoldá-la aos usos que se foram firmando na língua, quais sejam, com *POR* nos contextos

em que não ocorre a combinação e com *PER* nos em que ela ocorre, tal como aconteceu nos contextos em que essas preposições se fazem seguir de *o(s)*, *a(s)*, artigos definidos.

Na *Crônica*, *POR* e *PER* coocorrem, em distribuição livre, combinadas com o artigo definido, predominando, em muito, a combinação com *PER*. Das 123 ocorrências de *POR* seguida de artigo definido, em 98 não ocorre a combinação. Com *PER*, ao contrário, das suas 234 ocorrências nesse contexto, somente em 14 delas não se registra a combinação. Em *Os Lusíadas*, não se observa mais a não combinação dessas preposições com o artigo definido. Também nesta obra predomina a combinação com *PER*: 25 ocorrências de *POR* e 134 de *PER*, que aparece também combinada com *o(s)*, *a(s)*, pronome pessoal objeto do infinitivo, que, na *Crônica*, é contexto de emprego exclusivo de *POR*. Na *Lírica*, de Camões, ainda se registra a não combinação da preposição com o artigo definido.

Na *Demanda*, ao contrário, predomina a combinação de *POR* com os artigos definidos, uso que veio a se firmar no galego. No português, porém, veio a se firmar a combinação com *PER*.

Curiosamente, num enunciado em que se depreende a noção de *CAUSA*, Gonçalves Dias vem a empregar *POR* e *PER*, combinando-as a *os*, pronome pessoal, na função de objeto direto do infinitivo por elas regido: “Não fiquei com ele pelos não querer. Se de algo me pesa a mi é só polos não ver mais”. (*apud* AULETE, *s/v POR*). Na *Crônica*, neste contexto, registra-se a não combinação com *o(s)*, *a(s)*, artigos ou pronomes, nos contextos em que, tal como ocorre no enunciado colhido em Gonçalves Dias, a preposição não se liga diretamente a eles, mas a todo o contexto em que eles se inserem;” ...; e por os defemderem aaquella hora, foram muitos feridos, ...” (CXXXV:234); “..., desi por a terra assi seer aazada, ...” (XXXV:61). Caso semelhante se observa, por exemplo, em enunciado colhido em texto de Braamcamp Freire: “Poder-se há talvez explicar o fato por o testamento ser escrito por Fernão Lopes, ...” (LOPES, vol.I:XL).

Nos contextos em estudo, relacionados a *FIM*, *OBJETIVO*, *INTENÇÃO*, *FINALIDADE*, tal como nos exemplos colhidos em Gonçalves Dias, em que se depreende a noção de *CAUSA*, a preposição, no que se refere ao plano sintático, não se liga diretamente a *o(s)* *a(s)*, pronomes ou artigos definidos, mas a todo o contexto em que eles se inserem. A se observar o plano sintático, não caberia, pois, a combinação. A vizinhança, a proximidade entre as partículas propicia a que, no plano fonético, ocorra a aglutinação das mesmas, aglutinação esta que vem a ser registrada no plano morfosintático. Caso semelhante vem a ocorrer em enunciados do tipo “Está na hora da (de a) onça beber água.”, comuns no português mais recente.

Podemos perceber como os usos da língua se impõem ou são impostos. Uns se firmam pelo uso em si mesmos, outros são de certa forma impostos pelos que querem manter ou retomar, malgrado o estranhamento que provocam por sua inadequação ao momento e ao contexto em que são inseridos. Para tanto, retomam-se autores e/ou obras tidas ou tomadas como marco, referência ou ideal do bom escrever e que o terão sido num determinado momento e num contexto específico da

história da língua. Cabe lembrar Vaugelas, para quem só há um mestre das línguas, qual seja, o uso, e concluir com Sousa da Silveira:

Embora o prestígio dos grandes escritores e a ação do ensino, sobretudo na escola primária e na secundária, possam de algum modo intervir na evolução natural de um idioma, não é possível nem à gramática filosófica, nem às regras formuladas pelos observadores da língua, reter completamente a marcha evolutiva desta, nem restaurar um *uso* complicado, já abandonado há vários séculos (grifo nosso)

(op.cit.:35)

Cabe observar que a próclise dos pronomes ao infinitivo, o não emprego da ênclise em nenhum momento nesses contextos, é que levaram aos empregos e controvérsias aqui levantados. Fica a curiosidade: a partir de que momento e/ou autores se terá introduzido e firmado a ênclise dos pronomes pessoais átonos ao infinitivo, regido ou não de preposição?

É de se supor que o contexto que maior resistência ofereceu ao emprego da ênclise dos pronomes pessoais átonos ao infinitivo terá sido o em que se registra a ocorrência de *o(s)*, *a(s)* como objeto direto desta forma verbal quando quando regida de *POR*, em contextos em que se depreendem as noções de FIM, OBJETIVO, INTENÇÃO, FINALIDADE. Nesse contexto, quando da ocorrência de *PARA* (*PERA*), já se registra a ênclise do pronome em *Os Lusíadas* e na *Demanda do Santo Graal*. Na *Crônica de D. João I*, porém, é exclusivo o emprego da próclise quando da ocorrência desta preposição, que coocorre em distribuição livre com *POR*.

CONCLUSÃO

Na *Crônica de D. João I*, de Fernão Lopes, não se registra o emprego da ênclise dos pronomes átonos *o(s)*, *a(s)* ao infinitivo regido das preposições *POR* e *PERA*. Nesses contextos, em que ocorrem as noções de FIM, OBJETIVO, INTENÇÃO, FINALIDADE, exercendo o(s) pronome (s) a função de objeto direto do infinitivo, é exclusivo o emprego da próclise. Num levantamento por amostragem, verifica-se que a ênclise do pronome ao infinitivo também não ocorre quando ele é regido das demais preposições, em diferentes contextos. A ênclise vem a ocorrer com outros pronomes pessoais em relação a formas verbais finitas, não regidas, pois, de preposição. Nas locuções verbais com infinitivo, registra-se a ênclise dos pronomes à forma verbal auxiliar.

Tudo isso se parece confirmar no levantamento por amostragem realizado na 2ª parte desta obra.

Concluimos que, na *Crônica*, não se registra a ênclise dos pronomes ao infinitivo, regido ou não de preposição, toda e qualquer.

Com referência a *Os Lusíadas*, predomina a ênclise dos pronomes pessoais átonos o(s), a(s) ao infinitivo regido de *PERA*, sendo exclusivo o emprego da próclise quando da ocorrência de *POR* e *PER*. Estas preposições sempre ocorrem combinadas ao pronome.

Na *Demanda do Santo Graal*, num levantamento por amostragem, registra-se a ênclise com *PERA* e a próclise com *POR*, no contexto em questão. Com relação a outros pronomes que não o(s), a(s), registra-se a coocorrência da próclise e da ênclise, em relação ao infinitivo regido de *POR*. *PER* não é registrado neste contexto, tal como ocorre na *Crônica*.

A próclise desses pronomes ao infinitivo regido de *POR*, comum no português antigo, vem a ser retomada, em alguns momentos e contextos, por escritores. Empregam eles ora as formas *polo(s) pola(s)*, ora as formas *pelo(s), pela(s)*. Na *Crônica*, é exclusivo o emprego das primeiras. Em *Os Lusíadas*, porém, já se registra uma ocorrência da combinação com *PER*, nesse contexto.

BIBLIOGRAFIA

- AULETE, Caldas - *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, vol.4, s/v *POR* e *PER*, 2ª ed. brasileira, com revisão, atualização e acréscimos de Halmicar de Garcia e estudos de Antenor Nascentes, Rio de Janeiro, Editora DeltaS/A, 1964.
- CAMÕES, Luís de - *Os Lusíadas*, 3ª ed., comentada por Augusto Epifânio da Silva Dias, reprodução da 2ª ed., em 2 tomos - 1916/1918, por iniciativa da Comissão Brasileira designada pelo Ministério de Educação para o fim de preparar e organizar as comemorações do 4º centenário de publicação de *Os Lusíadas* (portaria 512-BSB de 19/08/1971) - prefácio de Artur César Ferreira Reis (pres. da comissão) e estudo prévio de Maximiano de Carvalho e Silva (membro da comissão), MEC, Dep. de Assuntos Culturais, 1972.
- _____*Lírica: Lírica de Camões*, edição crítica pelo Dr. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, Lisboa, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1932.
- CUNHA, A.G. - *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, 2ª ed., Rio de Janeiro, edição em convênio com o INL/MEC, 1980.
- LAPA, M. Rodrigues - *Estilística da Língua Portuguesa*, 7ª ed., revista e aumentada, Biblioteca Brasileira de Filologia, vol. 15 Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1973.
- LOPES, Fernão - *Crônica delRei Dom João I da boa memória* - parte 1ª, (1915), preparada por Anselmo Braamcamp Freire, prefaciada por Lindley Cintra, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1977.
- _____*Crônica delRei Dom João I da boa memória* - parte 2ª, reprodução fiel dos melhores manuscritos por William Entwistle, com Nota Prévia de Lindley Cintra, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1977.

- MAGNE, A. - *A Demanda do Santo Graal* - vol.I, II e III (Glossário), Ministério da Educação e Saúde/INL, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1944.
- NUNES, J.J. - *Crestomatia Arcaica*, 6ª ed., Porto, Livraria Clássica Editora, 1967.
- RANAURO, Hilma P. - *Contribuição ao Estudo Semântico da Preposição - POR e PERA Na Crônica de D. João I (1ª parte) de Fernão Lopes*, Tese de Doutorado em Língua Portuguesa apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orientador: Prof. Sylvio Edmundo Elia (Sílvio Elia), Rio de Janeiro, 1990, 452 p..
- SILVEIRA, Sousa da - *Lições de Português*, Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa, 7ª., ed., melhorada, revisão crítica em consulta com o autor pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
